

# GENTE HUMILDE

VIDA E MÚSICA DE

*Jorge Mello*

JORGE MELLO

edições  
**SESC**SP

*Preparação*

Margaret Presser

*Revisão*

Beatriz de Freitas Moreira, Danieli K. Bertolami

*Capa*

Moema Cavalcanti

*Diagramação*

Denis Tchepelentyky

---

Sa72g

Mello, Jorge.

Gente humilde: vida e música de Garoto / Jorge Mello. – São Paulo :  
Edições SESC SP, 2011.

246 p.

ISBN 978-85-7995-023-0

1. Biografia. 2. Sardinha, Aníbal Augusto. 3. Garoto. 4. Músico.  
5. Música Brasileira. I. Título. II. Mello, Jorge.

CDD-927

---

Copyright © 2012 Edições SESC SP

Todos os direitos reservados

SESC SÃO PAULO

EDIÇÕES SESC SP

Av. Álvaro Ramos, 991

03331-000 – São Paulo – SP

Tel. (55 11) 2607-8000

edicoes@edicoes.sescsp.org.br

www.sescsp.org.br

## Agradecimentos

Aos amigos José Vasconcelos, Billy Blanco, Badeco e Cecy pelas prazerosas conversas sobre Garoto.

Aos familiares Denise, Antônio Augusto e Eduardo, respectivamente filha, filho e neto do Garoto, pelo apoio que me deram.

A meus filhos Fabiano, Clarissa e Daniel pelo carinho.

A minha esposa Anna Cherubina Scofano pela cumplicidade e amor.

À Sandra Sueli, um ser de muita luz.

Ao amigo Claudio Maia Porto, por muitas sugestões valiosas.



## Sumário

|  |     |
|--|-----|
| Apresentação – <i>Danilo Santos de Miranda</i> . . . . .         | 09  |
| Prefácio – <i>Patrícia Palumbo</i> . . . . .                     | 13  |
|  |     |
| 1. O nascimento musical de Garoto . . . . .                      | 15  |
| 2. Entra em cena o violão tenor . . . . .                        | 29  |
| 3. Nos Estados Unidos, com Carmen Miranda . . . . .              | 47  |
| 4. Rádio Nacional, a grande projeção . . . . .                   | 61  |
| 5. Um segredo nunca revelado . . . . .                           | 79  |
| 6. Em busca de renovação . . . . .                               | 97  |
| 7. Sobrevivendo da música . . . . .                              | 113 |
| 8. A bossa nova em gestação . . . . .                            | 125 |
| 9. Garoto entre os mestres . . . . .                             | 141 |
| 10. Despedidas e últimos trabalhos . . . . .                     | 153 |
| 11. A presença de Garoto . . . . .                               | 173 |
|  |     |
| Apêndice 1: <i>Garoto por dentro da Rádio Nacional</i> . . . . . | 183 |
| Apêndice 2: <i>Musicografia e discografia</i> . . . . .          | 201 |
| Apêndice 3: <i>Fotografias</i> . . . . .                         | 249 |



## Apresentação

### Diários do tempo

*São eles, guias do meu caminho escuro.  
Cheio de desilusão e de dor.*

DUAS CONTAS – GAROTO

**A** vida só é rica na medida em que sedimenta experiências. Nisso, o violão acompanha nossa existência: acumula confidências, concentra as dores e traduz os desejos. E um violão igual ao de Garoto revela a graça dos tristes.

Em uma época em que a concentração urbana se acelerava nas ruas das principais cidades brasileiras, distantes então da calmaria dos poetas e autores das modinhas, os músicos das primeiras décadas do século XX se aventuravam pela decantada modernidade. Em meio ao frenesi dessa época, surgiu o jovem Aníbal Augusto Sardinha, que aos 11 anos iniciou uma intensa produção instrumental e se converteu em nosso eterno menino, o Garoto.

Seu exíguo tempo de vida contrasta com a longevidade de uma obra que a crônica do tempo não desfez. Ressoa em intérpretes incansáveis e, agora, se faz presente neste tributo, *Gente humilde – Vida e música de Garoto*, que traça o percurso do músico que contracenou e foi protagonista em um dos momentos de maior vigor da cultura brasileira.

Ao adentrarmos na pesquisa de Jorge Mello, se desvela a dedicação e disciplina de Garoto em conhecer e subverter os sentidos da música. Por meio das descrições dos diários do compositor, Mello torna próximas as fissuras expostas de sua vida, e nelas os caminhos de

tantos choros, valsas, baiões, xaxados e sambas, talhados como alegorias de seu cotidiano.

O cenário de intensas relações, o Rio de Janeiro na década de 1940, propiciou a Garoto, tocando banjo, guitarra portuguesa, cavaquinho e violão, compor pouco menos que *Um milhão de melodias*, nome do programa do amigo Radamés Gnattali na Rádio Nacional, do qual fazia parte. Dos vestígios de histórias como essa, que foram recolhidos na imprensa da época, Jorge Mello recupera o significado da obra de Garoto, suas participações nos programas de rádio, nas festas, nos bares e cafés. Nas tocatas e cantorias da boêmia carioca, repercutindo e ganhando o país.

O próprio maestro Radamés considerava o trabalho do multiviolonista, com seus diferentes acordes e harmonias, a influência decisiva para a bossa nova<sup>1</sup>. Uma bossa criada por muitos, consagrada no violão de João Gilberto.

Garoto, aliando técnica e poesia no estudo do instrumento, preservados em seus escritos diários, em suas raras gravações e de seus intérpretes, teve inúmeros parceiros, como José Alves da Silva (o Ay-moré), Laurindo Almeida - com quem se aventurou nos Estados Unidos acompanhando Carmen Miranda - e Zé Menezes, entre tantos nomes que marcaram a música brasileira.

Se a delicadeza de um tocar insinua a serenidade e a sabedoria irrequieta do mestre, a Garoto devemos a popularização do violão e de um sincronismo musical com as aventuras americanas do *jazz*, *blues*, *soul*, nos quais cada improviso sinaliza a organização de conceitos e sentimentos que se enredam nas cordas do instrumento.

O reconhecimento de seu trabalho, desde cedo, ultrapassa as fronteiras geopolíticas, indo acalantar os mais diversos ouvidos e gostos com uma música original, cinzelando culturas americanas, brasileiras e europeias nas músicas de câmara, choros e rodas de samba.

Ao SESC, a possibilidade de contribuir para a preservação e circulação do patrimônio musical garante a perenidade da cultura do país e a ampliação de seu acesso para além da condição presencial do público.

1. [www.radamesgnattali.com.br](http://www.radamesgnattali.com.br)

Mais que tudo, este livro é uma homenagem. Uma forma de manifestar admiração por todos aqueles que, como Garoto, fizeram com seus instrumentos - e o fazem ainda tão bem - vibrar em nós a pura emoção da vida.

DANILO SANTOS DE MIRANDA  
*Diretor Regional do SESC São Paulo*



## Prefácio

O violão brasileiro é conhecido no mundo inteiro. Tamanha é a excelência de nossos violonistas que o termo virou a denominação de uma escola. E não é exagero dizer que nessa história Garoto foi um dos marcos fundamentais. Ele foi o primeiro a se apresentar numa sala de concerto com orquestra regida e arranjada por Radamés Gnatalli, seu amigo pessoal, parceiro e admirador. De Baden Powell a João Gilberto, dois grandes inventores, o nome Garoto é referência e inspiração. O apelido pelo qual ficou conhecido o prodígio Aníbal Augusto Sardinha faz jus a pouca idade que tinha quando começou a tocar profissionalmente. Ele começou aos 11 anos e faleceu aos 39, deixando uma obra vasta e fundamental.

No livro de Jorge Mello essa trajetória espetacular e intensa nos é apresentada em detalhes.

Garoto foi um dos principais instrumentistas do seu tempo e viveu a era de ouro do rádio no Brasil. É muito bom que esse livro mostre também a força das rádios no país naquele tempo em que se podia ouvir de tudo no ar. E com grande qualidade. Garoto fez alguns programas dedicados ao violão e tinha entre seus ouvintes Paulinho Nogueira, músico que viria a se tornar um grande mestre do violão para gerações. Foi também trabalhando na Rádio Nacional que Garoto se aproximou de Radamés Gnatalli e desenvolveu seu talento com as novidades harmônicas que o maestro trazia de fora. Intuitivo, criativo e muito aplicado, Garoto tocava qualquer instrumento de corda que lhe caísse nas mãos. Violão re-

quinto, violão tenor, cavaquinho, banjo, bandolim, guitarra portuguesa, são inúmeros os registros que podemos conferir nas páginas seguintes. Jorge Mello fez uma pesquisa valiosíssima das gravações e da atuação de Garoto nas principais rádios do Brasil, nos cassinos e nos estúdios.

Aqui podemos ver como Garoto começou no rádio na década de 1930 de onde nunca mais saiu. Estão aqui também seus estudos de violão clássico, harmonia e composição. Garoto começou de ouvido mas sabia da importância da educação formal.

Um dos seus maiores méritos foi a introdução dos acordes dissonantes no violão brasileiro e por isso é considerado um precursor da bossa nova. Garoto fez parte do grupo de Carmen Miranda e a acompanhou nos Estados Unidos de onde trouxe as *blue notes* que ouviu no jazz e no bebop. Por influência dos estudos eruditos acrescentou o impressionismo clássico à sua música. Deu extensão ao violão e sua obra é sofisticada com pequenas peças de concerto, estudos, valsas, choros ao lado das conhecidíssimas *Gente humilde* e *Duas contas*.

São muitas as homenagens que violonistas mais jovens prestaram à Garoto. Paulo Belinatti fez seu *songbook* e levou Aníbal Augusto Sardinha para os concertos internacionais. Rafael Rabello e Radamés Gnattali gravaram um lindo disco só com suas obras executadas com violão e piano.

A nobre linhagem do violão brasileiro tem Canhoto, Dilermando Reis, Zé Menezes, Laurindo de Almeida, Sebastião Tapajós, Baden Powell, Rafael Rabello, Paulo Belinatti, Guinga, Yamandu, são muitos músicos cheios de talento e originalidade. Garoto está na base, no começo de tudo e é influência comum à grande maioria dos instrumentistas dedicados às cordas.

Sua obra é contemporânea porque é genial. Ler esse livro é instrutivo e muito prazeroso, especialmente se acompanhado pelas audições da obra de Garoto. Saber como ele fez o *Choro triste* n.1 e ouvi-lo tocar o que ele chama de *Tristezas de um violão* é delicioso. Ou *Um rosto de Mulher*, *Jorge da Fusa*, o sucesso *Duas contas*, letra e música dele, que é uma peça maravilhosa e não tem rimas. Portanto, leia esse livro de Jorge Mello também com seus ouvidos.

PATRÍCIA PALUMBO  
*Jornalista e apresentadora*

## O nascimento musical de Garoto

*Deixe o menino pegar nos instrumentos, vais ver que ele vai te passar a perna. Mais tarde me contarás...*

SEU BERNARDO, AMIGO DA FAMÍLIA

**A** guerra na Europa foi a grande manchete dos jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo naquela segunda-feira, 28 de junho de 1915<sup>1</sup>.

Em meio às notícias nascia, em São Paulo, Aníbal Augusto Sardinha, o Garoto, que se tornaria um divisor de águas na música popular brasileira. Quinto dos sete filhos dos portugueses Antônio Augusto Sardinha e Adozinda dos Anjos Sardinha, ele foi o primeiro a nascer no Brasil; os irmãos mais velhos eram Batista, Inocêncio, Domingos e Deolinda, e os mais novos, Henrique e Diamantino. Já no batizado o pequeno Aníbal esteve cercado de música: “Lá compareceram os melhores chorões de São Paulo: Quinzinho ao violão, tio Chico ao bandomolim e Sílvio de Campos na flauta; e na porta da igreja tocaram a valsa *Belinha*”, contou o músico<sup>2</sup>.

No mesmo ano de 1915 nasceram Haroldo Barbosa, Fernando Lobo, Abel Ferreira, Luís Bittencourt e Grande Otelo que, em graus diversos, acabaram se unindo à história de Aníbal.

No panorama musical daquele ano a sensação era a música *Apanhei-te, cavaquinho*, choro de Ernesto Nazareth, interpretado pelo

1. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 29 jan. 1915.

2. Garoto: notas autobiográficas, Arquivo Almirante. Museu da Imagem e do Som (MIS), Rio de Janeiro.

grupo Passos no Choro. Destacaram-se também os cantores Eduardo das Neves e Baiano<sup>3</sup>.

Muito cedo o jovem Aníbal revelou a necessidade de compartilhar seus dons artísticos, como neste episódio:

Aos dois anos de idade alcancei meu primeiro sucesso: fui com meus pais durante o Carnaval ao Largo da Concórdia onde, no coreto, estava uma banda tocando *São Paulo futuro* (maxixe de Marcelo Tupinambá e Dalton Vampré, lançado em 1914). Saí dos braços do meu pai e fui dançar em frente ao coreto fazendo umas gracinhas. Fiz sucesso... e logo começaram a jogar dinheiro...<sup>4</sup>

A música estava sempre presente na casa da família Sardinha. Antônio Augusto manejava com habilidade tanto o violão como a guitarra portuguesa, e dois irmãos de Garoto também tinham vocação musical: Inocêncio no banjo e Batista da Cruz no violão, no banjo e na guitarra portuguesa. As reuniões musicais da família eram animadas. O menino Aníbal não tardou a ensaiar as primeiras notas: “Aos cinco anos peguei atrás do lavatório o violão de cinco réis do meu irmão Batista, do qual ele tinha um ciúme louco. Sozinho, fiz a primeira e a segunda posição de dó maior”.

A família Sardinha morava na casa nº 7 da Avenida Tamandua-teí, na Vila Economisadora, bairro operário da cidade de São Paulo, onde os adolescentes viviam metidos em brincadeiras violentas, brigas e confusões. Foi nesse bairro malvisto que surgiram grandes nomes, como os instrumentistas Nestor Amaral (violão, violino e bandolim), Armandinho Neves (violão) e Arnaldo Meirelles (harmônica), os cantores Waldemar Reis e Léo Albano e os radialistas Osvaldo Moles (redator do *Correio Paulistano* e das rádios Record e Tupi), José Rubens (ator cômico da Rádio Record) e o cronista Ivo de Freitas, que escreveu um artigo sobre a Vila Economisadora<sup>5</sup> destacando o contraste entre a turbulência característica da vila e a índole pacífica de um de seus mo-

3. Jairo Severiano e Zuza Homem de Mello, *A canção no tempo*, vol. I. São Paulo: Editora 34, 1997.

4. Garoto: notas autobiográficas. Op. cit.

5. Ivo de Freitas, “Vila Economisadora”. Álbum particular de recortes pertencente a Garoto, sem referência de data ou nome do jornal.

radores: Aníbal. Alheio a toda a agitação a sua volta, ele se preocupava apenas em tocar furtivamente os instrumentos musicais que seu irmão mais velho tentava manter escondidos.

Batista tinha então um conjunto e guardava todos aqueles instrumentos lá em casa. Quando não tinha ninguém por perto eu experimentava todos: violão, flauta, sax, bandolim, bandola, guitarra portuguesa, cavaquinho e o banjo. Eu tirava uns sons... Às vezes meu irmão me surpreendia e passava um pito, chamando-me de moleque<sup>6</sup>.

Pode ser essa a origem do apelido Moleque do Banjo com que ele ficou conhecido no início de sua carreira, embora alguns atribuam a alcunha ao fato de Garoto se apresentar tocando banjo com pouca idade.

Aqueles instrumentos o fascinavam, e os conflitos com o irmão ultrapassaram os muros da casa da família Sardinha. Seu Bernardo, um português amigo da família, dizia sempre ao Batista: “Deixe o menino pegar nos instrumentos, vais ver que ele vai te passar a perna. Mais tarde me contarás...”

Aníbal queria aprender música. Gostava de descobrir acordes no violão e fazer encadeamentos entre eles. Para se certificar de que estava no caminho correto, subia na patinete de rodas de rolimã e ia até a casa do professor Quinzinho, hábil violonista, afamado chorão e também amigo da família. Ele morava na Rua Paraíba, que ficava próxima ao Largo Santo Antônio do Pari, cuja distância da Avenida Tamanduateí não era suficientemente grande para desestimulá-lo. Prestava atenção em tudo, e às vezes pedia a Quinzinho que repetisse uma passagem. Treinava em casa e mostrava o que sabia tocar. Perguntava, experimentava... E assim aconteceram suas primeiras aulas de violão.

Próximo a sua casa moravam Benedicto e Magdalena de Castro. A filha Dugenir era companheira de Aníbal nas brincadeiras de teatrinho, nas quais ele sempre era o solista de uma viola improvisada. Mais tarde, Dugenir estudou sete anos de violino no Conservatório

6. Garoto: notas autobiográficas. Op. cit.

Dramático e Musical de São Paulo e teve um papel decisivo na vida de Aníbal: casaram-se em 1938.

Reconhecendo finalmente a grande aptidão musical do irmão, Batista o presenteou com um violino usado que já não tinha o arco. Aníbal improvisou um arco e conseguiu tocar a valsa *Piquenique trágico*, de Germano Benencase, e *Ave Maria* (não se sabe se foi a de Schubert ou a de Gounod e Bach). Sensibilizado, o pai comprou-lhe um arco e, mais tarde, um bom violino. Os irmãos Inocêncio e Batista conversavam com amigos sobre o futuro do talentoso Garoto, ficando decidido que ele deveria estudar música seriamente. Cogitaram o nome do professor de música e também grande violinista Arthur Busin, que por um tempo ensinou teoria musical ao Garoto. Uma fatalidade porém não permitiu que esse tempo se prolongasse. Com apenas dez anos de idade, já com seus irmãos mais velhos casados e morando em outros lugares, Garoto soube por sua mãe que seu pai, que trabalhava na Guarda Civil, ficara paralisado. Caberia a ele agora, como o mais velho da casa, ainda uma criança, a responsabilidade do sustento da casa. Os estudos de música forma interrompidos, gerando um sentimento de tristeza, uma revolta surda em sua alma, que só se faria ouvir mais tarde, através de suas composições.

A dura realidade impunha renúncias e sacrifícios. Em vez de se dedicar à arte que tanto amava, tinha ele agora de trabalhar para ajudar em casa. Seu primeiro emprego foi como auxiliar de escritório, cabendo a ele a entrega de correspondências. Só que entre o escritório, que ficava na Rua Quinze, e a agência dos correios havia uma casa de música, onde trabalhava o pianista e compositor Gaó (Odmir Araújo Gurgel). Os choros executados ao piano paralisavam Garoto, que praticamente passava a tarde toda apreciando Gaó. Quanto às cartas... Não demorou para que um colega de escritório o surpreendesse embevecido, esquecido do tempo, viajando nas notas musicais saídas daquela casa. Ao saber de tal fato, o chefe do escritório demitiu Garoto inapelavelmente.

Os estudos do então chamado curso primário eram realizados na Escola Noturna Santo Antônio do Pari, e lá Garoto protagonizou uma cena digna de registro, que dá uma ideia muito clara de onde andava a sua cabeça durante a aula de religião. Dentro da sala o professor assim falava:

– Houve um homem extraordinariamente dotado, que foi enviado por Deus à terra! Logo ficou conhecido como Jesus de Nazaré...

Notando a desatenção de Garoto, que provavelmente absorvera apenas algumas das palavras, o professor o arguiu:

– Senhor Aníbal Augusto Sardinha, qual foi o homem extraordinariamente dotado que Deus enviou à terra?

– Foi Ernesto Nazareth! – respondeu prontamente o Garoto...

– Sacrilégio! – disse enfurecido o professor. – Como ousa misturar o nome de Cristo com nomes profanos? Quem é Ernesto Nazareth?

– É um compositor de choros – respondeu Garoto.

– E por acaso falei em compositor de choros? – retrucou o professor.

– Mas o senhor não falou num homem extraordinariamente dotado?

Finalmente os ventos pareciam mudar de direção e trazer boas-novas. Garoto conseguira um emprego numa casa de música na Avenida Rangel Pestana, próximo ao Brás. Parecia um sonho poder manejar todos aqueles violões, cavaquinhos, bandolins, guitarras portuguesas... tudo isso à vista dos fregueses. As vendas aumentaram então significativamente, pois muitos compravam os instrumentos experimentados por ele<sup>7</sup>.

## OS PRIMEIROS CONJUNTOS

O grande ídolo de Garoto era o seu irmão Batista, então líder da Jazz Band Universal, integrada por Godoy na bateria, José Silvano na flauta, Moringa no saxofone, Arthur Busin no violino, entre outros. Tocavam no Circo Queirolo. A novidade causava admiração: um circo com banda de jazz. Em todas as apresentações lá estava Aníbal, de banjo em punho, conquistando um público cada vez maior. Muitos iam ao circo apenas para vê-lo tocar.

A partir daí participou de vários conjuntos. Integrou o Regional Irmãos Armaní, também tocando banjo. Com esse mesmo instrumento participou do Grupo Regional do Pory, formado pelos irmãos Mário e

7. Informações oriundas dos *scripts* do programa *Diabruras do Garoto*, redigidos por Ivo de Freitas – Rádio Record, São Paulo, 1950.

Aurora, respectivamente no violino e piano; Waldemar Reis na bateria; e Arnaldo Meireles, que acumulava as funções de violonista e cavaquinista com a de líder do grupo. Tudo leva a crer que o grupo se apresentava apenas na Vila Economisadora, em festas familiares. Garoto também tocou cavaquinho no Conjunto dos Sócios, um dos mais solicitados para festas e bailes na cidade de São Paulo na época. Liderado por seu irmão Inocência, que, além de tocar violão, dançava e cantava com uma voz à la Vicente Celestino, o grupo contava ainda com Aroni ao bandolim, Eduardo na flauta, Domingos, outro irmão, e Zeca, conhecido como o “Canhoto do Violino”... Tocavam também em cinemas, onde conseguiam ganhar algum dinheirinho: seis mil réis para cada um.

#### A EXPOSIÇÃO DA GENERAL MOTORS

A fase amadora de Aníbal teve como destaque a participação no Salão de Automóveis da General Motors, em 1928, no Cine Odeon, que ficava na Rua da Consolação, em São Paulo.

O Salão foi o maior acontecimento automobilístico e social da cidade. Nem mesmo o Carnaval ofuscou seu brilho<sup>8</sup>. No interior do Odeon o cenário havia sido planejado cuidadosamente para impressionar. Os modelos estavam expostos em dois salões, denominados Verde e Vermelho. O primeiro tinha ao centro a Fonte das Maravilhas, na qual a água esguichava entre jogos de luz. Sobre a fonte, em uma plataforma giratória, destacava-se um dos mais belos modelos de automóvel, o La Salle, apresentado pela primeira vez no Brasil. O Salão Vermelho também causava impacto, com uma reprodução do Pórtico do Templo de Minerva. Entre os dois salões ficava a Orquestra Típica, integrada por cinquenta músicos trajando roupas claras com uma faixa vermelha amarrada à cintura<sup>9</sup>. A orquestra era formada por naipes de violão, bandolim, cavaquinho e banjo. No repertório, canções regionais brasileiras, espanholas e portuguesas. A comissão organizadora, que

8. “O Salão de Automóveis da General Motors”. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 24 fev. 1928.

9. “A Exposição Anual da General Motors”. *Correio Paulistano*. São Paulo, 18 fev. 1928.

já trazia a experiência de um evento similar no ano anterior em Paris, confiou a seleção dos músicos e a direção musical a Canhoto, considerado o mais importante músico paulistano da época.

Mesmo com a saúde debilitada por problemas cardíacos – acabou por falecer de infarto alguns meses depois, aos 39 anos de idade –, Canhoto não se furtou ao convite. Com seu prestígio, conseguiu reunir os melhores instrumentistas de cordas de São Paulo: Armandinho Neves, Carlinhos, João Sampaio e Zezinho do Banjo (José do Patrocínio Oliveira), entre outros. Entre tantas personalidades, um menino franzino de 13 anos incompletos, o Moleque do Banjo.

Foram quatro dias de ensaios intensos para harmonizar todos os instrumentos até a estreia, restrita à imprensa e convidados. Uma música foi composta especialmente para a ocasião, a *Marcha General Motors*.

Surgiu nessa época um novo ídolo para Garoto: Zezinho. “Eu o admirava muito e ele me incentivava a tocar”<sup>10</sup>. Numa entrevista a um jornal de São Paulo tempos mais tarde, Garoto destacava a importância do encontro: “Tive a minha primeira oportunidade tocando ao lado de Canhoto, Zezinho e Mota [...]. Formávamos um grande conjunto”<sup>11</sup>.

Não é difícil imaginar o impacto que o acontecimento causou na vida de um menino de apenas 13 anos, ávido por descobertas sonoras. Canhoto havia reunido a nata dos instrumentistas de cordas de São Paulo, e ele estava no grupo. Garoto transpunha enfim os limites das apresentações domésticas. Ao mesmo tempo, adotava um novo ídolo. Ele queria ser como Zezinho, tocar como ele – melhor ainda que ele.

Zezinho do Banjo tornou-se, mais tarde, conhecido internacionalmente como Joe Carioca. Ele emprestou sua voz ao papagaio Zé Carioca, criação de Walt Disney.

## O PRIMEIRO DISCO

Em São Paulo, as Noites Brasileiras, organizadas por Canhoto em 1927, valorizaram a música tipicamente brasileira, com grande aceitação

10. Garoto: notas autobiográficas. Op. cit.

11. “Garoto conta a sua história”. *Correio Paulistano*. São Paulo, 18 dez. 1949.

por parte da imprensa e do público. Foram quatro espetáculos, transmitidos ao vivo por rádio, o primeiro no Teatro Municipal e os outros três no Teatro Boavista<sup>12</sup>.

O evento estimulou a formação de diversos conjuntos de inspiração sertaneja, como o Turunas Paulistas, o Verde e Amarelo e o Chorões Sertanejos.

O Verde e Amarelo era liderado por Paraguassu, nome artístico de Roque Ricciardi. O grupo gravou nove discos entre julho e dezembro de 1929 e atuou em rádios, além de excursões e gravações com várias formações até 1938. Em seus primeiros anos, Atílio Grany, Garoto e Paraguassu apareceram em todas as formações de que se tem notícia.

O grupo Chorões Sertanejos foi fundado em 1928 pelo cantor e compositor Raul Torres e pelo violonista Armandinho,<sup>13</sup> conhecidos respectivamente como Bico Doce e Lampião. Os demais integrantes eram Atílio Grany (Canário) na flauta, José Alves da Silva (Ranzinza) – mais tarde conhecido como Aimoré – ao violão, Antonio Del Bagno (Nhô Láo) no cavaquinho e Artur Santana (Azulão) cantando. O próprio nome do grupo sugere a diversidade de influências, algo muito frequente na época. Desde sua fundação, apresentou-se pelo interior do estado de São Paulo e em teatros da capital, como Santa Helena, Central, Paulistano e Roma. O primeiro disco do grupo foi lançado pela Parlophon em 1930, com a música *Casamento de macaco*, de Raul Torres. O grupo gravou 22 músicas nessa gravadora, cujo diretor artístico era o maestro Francisco Mignone.

O disco de estreia de Garoto, pela mesma gravadora, lançado também em 1930, tinha duas composições de sua autoria: *Bichinho de queijo* (maxixe) e *Driblando* (maxixe-choro). Assina como Aníbal Cruz, e toca banjo acompanhado ao violão por Serelepe.

Nesse ano, Garoto já tocava no Chorões Sertanejos. Apareceu no cartaz da apresentação do grupo no Cine Vitória como Moleque e toca-va cavaquinho<sup>14</sup>.

12. “Noites Brasileiras no Boa Vista”, *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 13 mai. 1927, Palcos e Circos. Nos dias 17, 20 e 22 do mesmo mês, o jornal publicou outras notas sobre o evento.

13. Rodrigues Nunes, “Biografia de Armandinho Neves”. Disponível em [www.samba-choro.com.br](http://www.samba-choro.com.br). Ver também “Garoto”, *Enciclopédia da Música Brasileira*, vol. 1, p. 305.

14. Irati Antônio e Regina Pereira, *Garoto, sinal dos tempos*. Rio de Janeiro: Funarte, 1982, p. 23.

Ao mesmo tempo, continuava integrando o Grupo Verde e Amarelo. Na Segunda Noite Brasileira, ocorrida no Teatro Santa Helena, Garoto se apresentou nos dois grupos. O programa era o seguinte:

João Mersier: contos caipiras.

Dr. Plínio de Castro Ferraz: contos caipiras.

Atílio Grany: solos de flauta.

Raul Torres: emboladas e cateretês.

Grupo dos Chorões Sertanejos.

Desafio entre Torres e Azulão.

Mosqueira: solos de violão.

M. G. Barreto: poesias de Catulo da Paixão Cearense.

Paraguassu e seu grupo regional Verde e Amarelo, em suas canções e toadas <sup>15</sup>.

No mesmo ano, Garoto aparece, em outro cartaz, atuando com Paraguassu e o grupo Verde e Amarelo em um programa radiofônico. A formação era:

Paraguassu: o fiel intérprete de nossas canções.

Torres: o rei das emboladas do Norte.

Canário: o príncipe da flauta brasileira.

Moleque: cavaquinho-palheta de ouro.

Ranzinza: violão solista.

Serelepe: violão chorão.

#### A ESTREIA NO RÁDIO EM SÃO PAULO

No final dos anos 1920 começa o processo de profissionalização das emissoras de rádio no Brasil, em especial na então capital, Rio de Janeiro, e na cidade de São Paulo. As emissoras eram estruturadas como sociedades e clubes, e mal se mantinham financeiramente com as mensalidades pagas pelos associados (os pagamentos eram

15. "Festa de São João no Santa Helena". *A Gazeta*. São Paulo, 17 jun. 1930.

irregulares). No Rio de Janeiro as principais eram a Rádio Sociedade Rio de Janeiro e a Rádio Clube do Brasil, enquanto em São Paulo a Rádio Sociedade Record e a Rádio Educadora Paulista eram as mais importantes.

Em 16 de fevereiro de 1930, um domingo, Garoto estreava na Rádio Sociedade Record, participando de um programa musical das 13h às 14h30 que tinha como atrações:

Januário de Oliveira: canções.

Orquestra Típica Record.

Príncipe Azul: tangos e canções.

Armandinho: solos de violão.

Moleque do Banjo: solos de banjo.

Bimbo: solos de violino<sup>16</sup>.

A programação das rádios era publicada nos jornais – o que, para uma pesquisa como a que fundamenta a presente obra, constitui uma importante fonte de informação.

Ao longo de 1930, o instrumentista apresentou-se naquela emissora tocando banjo, bandolim e cavaquinho, ora como Garoto, ora como Garoto do Banjo ou Moleque do Banjo. Algumas músicas que executou, embora sua autoria não esteja confirmada, foram:

*Segura o baixo*: em solo de bandolim.

*Isaura*: valsa em solo de bandolim.

*Segura o coco*: choro de banjo<sup>17</sup>.

Na Record, Garoto integrava o conjunto regional da emissora, além de atuar como solista. Começava a ter alguma visibilidade, mas os grandes solistas eram, sem dúvida, Atílio Grany na flauta e Zezinho em vários instrumentos de cordas.

À medida que se desenrola a história de Garoto, o leitor terá a percepção das transformações pelas quais passou o rádio brasileiro até

16. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 16 fev. 1930.

17. *Ibid.*, 16 mar. 1930.

chegar à Década de Ouro (1940), tendo como ícone a Rádio Nacional, com alcance realmente de âmbito nacional. Nessa época o rádio desempenhava um papel análogo ao da televisão na atualidade.

#### UM ANO MUITO MUSICAL: 1931

A Revolução de 1930 deixou o estado de São Paulo em uma situação política delicada. Depois do golpe de Getúlio Vargas, que tirou do poder a oligarquia dominada pelos cafeicultores paulistas, foram nomeados interventores para governar os estados. Silenciosamente, os paulistas articulavam-se contra o governo Vargas. Prestigiavam seus valores culturais e artísticos, com o intuito de aglutinar um número cada vez maior de pessoas em torno da recuperação do orgulho paulista.

Um dos pontos culminantes do movimento artístico em São Paulo em 1931 foi o Grande Concurso de Música Brasileira, promovido pelo jornal *A Gazeta*, com o apoio da Rádio Educadora<sup>18</sup>. O concurso era dividido em várias categorias de instrumentos musicais, canto, composição e declamação, e os melhores artistas eram escolhidos pelo voto popular. O evento atraiu um público numeroso.

Grandes nomes da música e da poesia de São Paulo prestigiaram o concurso. Os mais votados foram:

Alberto Marino – violino: 196.687 votos.

Cárdia – bandolim: 228.497 votos.

Gaó – piano: 92.837 votos.

José Joaquim da Silva – saxofone: 189.373 votos.

José Maria – bateria: 133.397 votos.

Larosa Sobrinho – violão: 81.073 votos.

Motta da Motta – cantor de música popular: 142.210 votos.

Nabor Pires Camargo – clarinete: 184.901 votos.

Pinheirinho – cavaquinho: 150.104 votos.

Salvador Cortese – flauta: 183.143 votos.

Zezinho – banjo: 117.323 votos.

18. “Grande concurso de música brasileira”. *A Gazeta*. São Paulo, 5 mai. 1931.

Alguns resultados foram inferiores ao esperado, como o quarto lugar de Atilio Grany na categoria flauta, com 16.756 votos; o sexto lugar de Garoto na categoria banjo, com 9.746 votos; e o segundo lugar de Paraguassu na categoria cantor de música popular, com 55.749 votos. Vale lembrar que esses músicos atuavam na emissora rival, a Record.

É curioso também que, na categoria violão, Petit (Hudson Gaia), instrumentista de grande destaque, tenha obtido a 15<sup>a</sup> colocação e Serelepe tenha ficado em 19<sup>a</sup> lugar. No violino, Nestor Amaral ficou em quinto. Atilio Bernardini, um dos introdutores da Escola de Tárrega no Brasil, obteve a sétima colocação na categoria cavaquinho.

A partir daí a guerra entre as emissoras intensificou-se. Surgia também a rivalidade entre os principais músicos, como relata Garoto: “Serelepe foi quem incrementou a onda em torno do meu nome. Havia então grande rivalidade em torno de mim e do Zezinho; havia partidos e até brigas. Devo meu progresso ao Zezinho, queria sempre tocar melhor do que ele”<sup>19</sup>.

As atividades musicais de Garoto foram intensas em 1931. Depois do concurso do jornal *A Gazeta*, participou de um Festival de Música Brasileira no Clube da Liberdade, fazendo solos instrumentais ao lado de Grany, Pinheirinho e Armandinho. Barreto, Paraguassu e Scrosoppi atuaram no canto e na declamação<sup>20</sup>.

No mesmo ano, ainda como integrante do Grupo Verde e Amarelo, Garoto iniciou uma excursão pelo interior de São Paulo, visitando as cidades de Sorocaba, Tatuí, Rio Preto, Mirassol, Monte Aprazível, entre outras<sup>21</sup>. Liderado por Paraguassu, o grupo contava também com Atilio Grany, que participara do famoso conjunto Turunas da Mauriceia, do Recife, então com o apelido de Canário; Garoto, como banjista; Armandinho; e José Sampaio, que integrou o célebre Oito Batutas, grupo carioca cujo flautista era ninguém menos que Pixinguinha.

Garoto participou ainda das comemorações do “50<sup>o</sup> Aniversário do Liceu Nacional Rio Branco”, onde fez solos de banjo e acom-

19. Garoto: notas autobiográficas. Op. cit.

20. “O festival do Clube da Liberdade”. *A Gazeta*, São Paulo, 23 mai. 1931, Música Brasileira.

21. “O Grupo Verde e Amarelo”. *A Gazeta*, São Paulo, 16 jun. 1931, Música Brasileira.

panhou Barreto numa embolada. Paraguassu também se apresentou no evento.

Por sua proximidade com Barreto, Garoto passou a integrar o Grupo dos Calungas, uma extensão do quarteto de mesmo nome, que já vinha gravando desde 1930 pela Victor. Ainda em 1931, já como grupo, os Calungas lançaram pela Colúmbia um disco que trazia de um lado a toada humorística *O drama de Angélica*, de Barreto e Lubiti, e do outro o samba *Zombando da morte*, de Garoto e Barreto. As músicas fizeram grande sucesso, especialmente o samba, a única parceria de Garoto com Barreto e que foi muito cantado na Record bem antes até do lançamento do disco. Logo em seguida o grupo lançou outro disco, com duas músicas de Barreto: o samba *Despedida* e a toada *Foi buscar lá*.

Barreto, cujo nome completo era Manoel Gabriel Manhães Barreto, carioca de nascimento e frequentador assíduo do famoso Café Lamas no Rio de Janeiro, mudou-se para São Paulo em 1927, onde se firmou como compositor e cantor de sambas e emboladas<sup>22</sup>. Tornou-se líder do Grupo dos Calungas, cuja formação era: Barreto, Garoto, Pinheirinho (Adail Pinheiro Machado) e Aloísio Silva Araújo<sup>23</sup>.

Além disso, Garoto integrava o regional da Record, apresentando-se em solos de banjo, cavaquinho e bandolim.

A programação da Record em 1931, publicada nos jornais de São Paulo, trazia várias músicas executadas por Garoto em solos instrumentais:

*Formidável*, choro de Ratinho – solo de cavaquinho.

*Otário*, música de Garoto – solo de banjo.

*Queixumes*, valsa de João Martins – solo de bandolim.

*Lá vem a lua*, choro de Garoto – solo de bandolim.

*Independência*, fox de Garoto – solo de banjo.

*Sentido*, choro de Garoto – solo de cavaquinho.

*Aguenta, seu Fulgêncio*, choro de Lourenço Lamartine – solo de banjo.

*Louca-vals*a, Francisco Neto – solo de bandolim.

22. “M. G. Manhães Barreto”. *A Gazeta*. São Paulo, 21 jul. 1931, Música Brasileira.

23. “Adail Pinheiro Machado (Pinheirinho)”. *A Gazeta*. São Paulo, 18 mai. 1931, Música Brasileira.

*Lá vem o sol*, choro de Garoto – solo de cavaquinho.

*Endiabrado*, fox de Garoto – solo de banjo.

Nenhuma das músicas de Garoto listadas chegou a ser gravada, e não foi possível encontrar as partituras correspondentes.

APÊNDICE 3

Fotografias

Do moleque ao Garoto



*Aos dois anos de idade.*



*Em 1938, aos 23 anos, afinando um violão.*

## Entre amigos e parceiros



*Aymoré (José Alves da Silva), Garoto e Petit (Hudson Gaia), em 1937, na Rádio São Paulo.*



*Garoto e Bando da Lua, em 1940.  
Afonso Osório, Hélio Jordão Pereira, Padeco, Stênio Osório, Garoto e Aloysio de Oliveira.*



*Em 1941, Garoto com violão tenor, Eugênio Martins na flauta, Popeye (Rubem Alves) no pandeiro e os Quatro Diabos.*

## Memórias



*Alto do prédio do Banespa, centro da cidade de São Paulo, em 1954.*



*Garoto posa com troféu que ganhou em 1952, no programa César de Alencar, da Rádio Nacional (RJ).*

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO NA TIPOLOGIA CHARTER,  
IMPRESSO EM PAPEL PÓLEN SOFT 90G/M E COUCHÊ FOSCO 150G/M,  
PELA GRÁFICA XXXXXX, EM XXXXXX DE 2012, COM TIRAGEM DE 3.000 EXEMPLARES

Aníbal Augusto Sardinha, o Garoto (1915-1954), foi um virtuose que dominava quase todos os instrumentos de cordas dedilhadas, especialmente violão, banjo, contrabaixo, violoncelo, guitarra, cavaquinho e bandolim. Aos 13 anos, já tocava acompanhando músicos experientes. Neste livro, o autor resgata memórias, histórias e a musicografia de Garoto, tendo como guia principal o diário pessoal onde o músico registrava fatos e pensamentos. As anotações levaram Mello a outros músicos, que conviveram com Garoto e ajudaram a confirmar passagens importantes da história da música brasileira com riqueza de detalhes.

